



Rússia dispara cinco mísseis contra Kiev, durante visita de António Guterres, secretário-geral das Nações Unidas. Presidente Zelensky acusa Moscou de tentar humilhar a organização. Biden anuncia ajuda de US\$ 33 bi à Ucrânia e mira oligarcas russos

Recado de Putin à ONU

» RODRIGO CRAVEIRO

As sirenes antiaéreas soaram, em Kiev, por volta das 19h (13h em Brasília), seguidas de explosões. Cinco mísseis rasgaram o céu da capital ucraniana e pelo menos um deles atingiu um prédio residencial, no bairro central de Shevchenkivskiy, ferindo seis pessoas. O secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres, estava na cidade e tinha acabado de se reunir com o presidente Volodymyr Zelensky. O líder da Ucrânia acusou o homólogo russo, Vladimir Putin, de tentar humilhar a ONU e defendeu uma resposta “apropriada e poderosa”. Um dos mísseis caiu perto do hotel onde estavam hospedados Guterres e assessores.

Em entrevista à emissora portuguesa RTP, o chefe da ONU admitiu que ficou “em choque” com os bombardeios, não por terem ocorrido em sua presença, mas pelo fato de Kiev ser uma “cidade sagrada” para ucranianos e russos. Mais cedo, ao visitar Bucha — localidade a 15km de Kiev e cenário de um massacre de civis —, o secretário-geral lamentou o “fracasso” do Conselho de Segurança em evitar o conflito. “Quando vemos esse local horrível, isso me faz sentir como é importante termos uma investigação completa e uma punição”, desabafou Guterres, que também esteve em Borodianka, a 25km a noroeste de Bucha, e em Irpin.

Ontem, o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, solicitou ao Congresso a liberação de US\$ 33 bilhões em ajuda adicional à Ucrânia, dos quais, mais de US\$ 20 bilhões para assistência

Sergey Voltskiy/AFP



Fumaça vista em Kiev depois de bombardeio, no 64º dia da invasão

militar. “Não estamos atacando a Rússia. Estamos ajudando a Ucrânia a se defender contra a agressão russa”, justificou o democrata. Ele detalhou propostas de novas leis para permitir o uso de bens de luxo confiscados de oligarcas russos — uma forma de indenizar a Ucrânia.

Desafio

Professor de política comparativa da Universidade Nacional de Kiev-Mohyla, Olexiy Haran contou que as explosões ocorreram em uma área não muito distante das casas de sua mãe e da filha mais velha. “Como os ataques ocorreram durante a visita de Guterres, a estratégia do Kremlin parece ter sido desafiar a comunidade internacional e ameaçar a Ucrânia. Os bombardeios levantam dúvidas sobre a

sinceridade do ‘acordo’ anunciada por Putin sobre corredores humanitários em Mariupol (sudeste)”, disse à reportagem.

Oleksandr Pogrebyskiy, sargento do batalhão de voluntários “Irmãos em Armas” e deputado do Conselho Municipal de Kiev, criticou o timing do bombardeio russo. “Vejo isso como uma demonstração da Rússia de desprezo pelo direito internacional e pelas instituições internacionais”, disse ao **Correio**. “A resposta a esse ataque deveria vir com a imposição de novas sanções, até o completo isolamento da Rússia”, acrescentou.

Cientista político e professor do Departamento de Relações Internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Maurício Santoro afirmou ao **Correio** que os bombardeios a Kiev são uma “mensagem muito poderosa”

Sergei Supinsky/AFP



Zelensky (D) recebe Guterres: comitiva “abalada” pelos ataques

de Moscou sobre a falta de interesse em encontrar uma solução pacífica para o conflito. “O ataque pode ter colocado em risco a vida do secretário-geral. É uma manifestação muito forte também do poderio militar russo e da capacidade de atacar Kiev a qualquer momento. Embora a guerra não esteja indo bem para os russos, eles gostam de reafirmar essa capacidade de ação internacional”, avaliou.

Santoro lembrou que, apesar de ter se tornado local de visita para dignitários, Kiev é a capital de um país em guerra. “O risco de um bombardeio está sempre presente. Dada a importância diplomática do secretário-geral e o fato de ele ser alguém sempre empenhado em buscar soluções pacíficas, acho que caberia um protesto forte das grandes potências, ainda que o impacto político disso seja muito pequeno.”

Crimes de guerra

A procuradora-geral da Ucrânia, Iryna Venediktova, identificou mais de 8 mil supostos crimes de guerra. “Na verdade, são 8.600 casos relacionados apenas a crimes de guerra e mais de 4.000 casos associados a crimes de guerra”, disse. Iryna abriu investigação contra dez soldados russos da 64ª brigada de fuzileiros por “tratamento cruel de civis e violações da lei e dos costumes de guerra”. “É uma notícia muito boa. Mas houve mais do que 10 criminosos. Queremos punir todos, inclusive o comandante-em-chefe (Putin) e a alta administração, que permitiram o massacre”, declarou ao **Correio** Anatoliy Fedoruk (leia **Duas perguntas para**), prefeito de Bucha. Ele confirmou que os russos tinham listas de alvos a serem executados.

Duas perguntas para

ANATOLIY FEDORUK,
prefeito da cidade de Bucha,
a noroeste de Kiev

Qual foi a estratégia dos soldados russos acusados de matar cidadãos de Bucha?

Arquivo pessoal



Nós coletamos e exumamos 416 corpos na comunidade de Bucha. Em sua maioria, foram alvos de tiros disparados de perto, com metralhadoras e armas de grosso calibre. Também houve a ação de franco-atiradores. Não vejo uma estratégia militar em especial aqui. Os russos claramente tinham a permissão da alta liderança para matarem quem quisessem.

A informação de que eles tinham listas de alvos a serem eliminados é real?

Eu estava em Bucha, em março. Eu mesmo vi as listas. Eles vieram à minha casa — é óbvio, para caçar o prefeito. Os russos me perguntaram: “Essa é sua casa?”. Eu respondi: “Eu gostaria de ter tal casa, mas esta é a casa do prefeito”. Eles olharam as listas e perguntaram se o prefeito de Bucha era Anatoliy Petrovich Fedorchuk. O último nome estava errado, mas confirmei que sim. Vi na lista outros nomes — de deputados, ativistas, familiares de combatentes mortos no Donbass. As listas estavam impressas. Eles me soltaram com a ordem “Traga o passaporte”. Isso me salvou. Dias depois, lançaram granadas contra minha casa. Foi uma vingança por não terem me levado. Os russos tinham listas e sabiam quem vivia em Bucha. (RC)

DIA DO HOLOCAUSTO

Entrevista / HALINA BIRENBAUM

“A vontade forte de viver me ajudou a resistir”

Aos 92 anos, a israelense Halina Birenbaum é sinônimo de força e resiliência. Moradora de Herzliya, na parte norte do distrito de Tel Aviv, ela é um dos 161.400 sobreviventes do Holocausto em Israel. Halina resistiu à fome e à perseguição no Gueto de Varsóvia; e ao inferno no campo de extermínio de Auschwitz. No braço direito, a mulher judia carrega, na pele, o número de prisioneiro 48693. Em entrevista ao **Correio**, no Dia do Holocausto, Halina falou sobre o pesadelo vivido na década de 1940.

Que lições o mundo deve aprender com o Holocausto?

O Holocausto é história. As pessoas aprenderam história, mas não da história. Basta vermos o que ocorre na Ucrânia.

De que maneira o Holocausto mudou a senhora?

Eu aprendi a compreender a vida, as pessoas, a ter mais cuidado com elas e comigo mesma. Também a reconhecer o mal e o perigo, e a combatê-los. Tornei-me mais forte. Aprendi a não trazer dor, a não causar danos ao próximo. Eu experimentei tanto terror,

Vardi Kahana/Divulgação



tanto sofrimento, no Gueto de Varsóvia e em Auschwitz. Foram quase seis anos. Todos os meus familiares foram mortos na câmara de gás.

Quais foram os momentos mais horríveis?

Em 1º de setembro de 1939, os alemães bombardearam Varsóvia e queimaram nossa casa. Eu tinha 10 anos. Depois, vi como espancaram meu pai, empurrando-o para o trem que o levou ao campo de extermínio de Treblinka. Poucos meses depois, eu, minha mãe, meu irmão e minha cunhada fomos ao campo de Majdanek, depois do levante do Gueto de Varsóvia. Eles me separaram de mamãe! Levaram-na à câmara de gás. O dia mais terrível vivi em Auschwitz. Vi trens lotados de judeus. Desciam pela rampa e sumiam. Vi um grande medo no olhar deles. Depois, a espessa fumaça escura. Era a carne deles queimando. Testemunhei isso todos os dias, durante quase dois anos.

O que a ajudou a sobreviver?

Foi a vontade forte de viver, uma esperança profunda de que os alemães perderiam a guerra e

Jack Guez/AFP



Assim que as sirenes soaram, às 10h de ontem (4h em Brasília), os israelenses pararam seus carros no meio da rua, desceram e ficaram de pé, calados. Pedestres também observaram os dois minutos de silêncio em tributo pelos 6 milhões de judeus assassinados pelo nazismo durante a Segunda Guerra Mundial. “Nenhum acontecimento, por mais cruel que tenha sido, é comparável ao Holocausto. Ele é a expressão final e absoluta dos milhares de anos de antissemitismo”, disse o premiê de Israel, Naftali Bennett. Em Brasília, na noite de quarta-feira, a frase “Holocausto nunca mais” foi projetada no Congresso Nacional.

ficaríamos livres. Tive esses sonhos, nos piores momentos ali...

Teme que as novas gerações se esqueçam do Holocausto?

Não. Esse horror nunca será esquecido. São tantos documentos,

livros, filmes e testemunhos! Vozes no terrível silêncio dos assassinados.

Como vê a invasão à Ucrânia?

Vejo isso como o Holocausto. Que desastre! Tragédias, brutalidade, pessoas e crianças!! (RC)